

Em três anos, região perde 45 mil empregos

Retração no polo industrial é uma das causas

EDUARDO BRANDÃO
DA REDAÇÃO

Reflexos da retração no polo industrial de Cubatão desde 2014 e até mesmo a desilusão com o pré-sal são motivos apontados por especialistas para a Baixada Santista estar na contramão da tímida recuperação de geração de empregos no País, observada em maio.

Nos últimos três anos, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) indicam cerca de 45 mil postos extintos por aqui, fazendo com que aproximadamente R\$1,5 bilhão deixassem de circular na economia regional, segundo projeções feitas por economistas a pedido de *A Tribuna*.

A última variação positiva registrada foi em março do ano passado, quando o saldo foi de 864 empregos criados. De lá pra cá, já são 14 meses de variações negativas entre postos abertos e fechados. Setores como comércio, serviço e indústria foram os que mais demitiram na Baixada Santista.

O consultor em finanças públicas Rodolfo Amaral calcula que nos últimos três anos o mercado de trabalho formal da Baixada Santista encolheu cerca de 10,8%. Isso significa que foi extinta pouco mais de uma, a cada 10 vagas existentes no período anterior à crise financeira. "É uma taxa superior ao Estado, que foi de 6,85%; e do Brasil, que ficou em 7,25%", acrescenta.

Ele explica que Cubatão teve o pior resultado da região, com o encolhimento de quase um terço de sua força de trabalho. O cenário foi provocado com a redução das atividades da Refinaria Presidente Bernardes (Petrobras), fim das atividades dessetores da Usiminas e de empresas correlacionadas. "Isso cria um efeito em cascata: cai a massa de emprego, menos dinheiro circula, o que afeta os setores de comércio e serviço".

Amaral sustenta que a eliminação dos postos no polo cubatense fez despencar o comércio de São Vicente, o maior da região. Com isso, a Cidade teve uma retração de quase 12% no número de trabalhadores registrados. Na sequência, aparecem Santos (10,23%), Itanhaém

NO BRASIL

Conforme dados do Caged, pelo segundo mês consecutivo o País voltou a gerar empregos. A variação positiva de 34,2 mil vagas em maio foi punhada pela agropecuária, que responde por apenas 4,2% das vagas formais brasileiras. Setor praticamente inexistente na região. "Isso não deve se sustentar. É um crescimento pontual, limitado e que não está disseminado pelos vários setores", diz o economista especializado em mercado de trabalho, João Sabaio. Ele explica que essa variação positiva se deve ao período da safra de grãos, concentrada no Interior paulista e estados do Centro-Oeste e Sul. Contribuíram ainda para os números positivos serviços (1.989), indústria da transformação (1.433) e administração pública (955).

(7,85%) e Guarujá (7,79%). O consultor argumenta que a redução dos postos de trabalho afeta a receita dos municípios, que deixam de recolher impostos por circulação de mercadorias. Ele calcula perdas na ordem de R\$ 116 milhões para as prefeituras. "Que já geraram uma retração de R\$ 40 milhões em investimentos, como obras e serviços".

CRISE E PRÉ-SAL

Para o coordenador do curso de Administração da Universidade Católica de Santos (Unisantos), Elias Salim Haddad Filho, a retração do mercado de trabalho regional segue ainda os impactos da crise econômica. "É também o desarme da falsa ilusão de que a região iria se transformar numa potência nacional com a exploração do pré-sal", diz ele, que é autor do livro *Qualidade de Vida e Desenvolvimento Econômico Sustentável em Santos*.

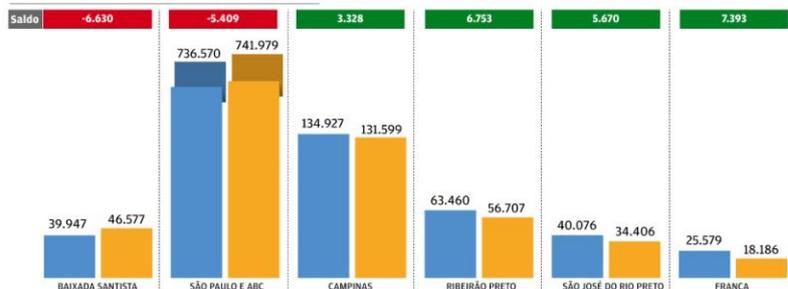
Haddad Filho acredita que o atual cenário pode ser agravado nos próximos anos caso a região não se "reinvente". Para isso, ele cita a "quarta revolução industrial", base teórica econômica para explicar o processo de mecanização do trabalho. "Países como Brasil, Índia e Rússia serão os mais impactados com esse processo".

CIDADES

DADOS E COMPARAÇÕES

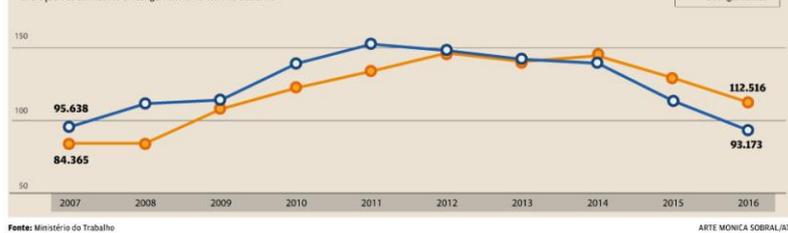
Em algumas regiões do Estado de São Paulo

DE JANEIRO A MAIO



Baixada Santista

Evolução das admissões e desligamentos nos últimos dez anos



Fonte: Ministério do Trabalho

ARTE MONICA SOBRAL/AT

COMÉRCIO

Para o coordenador da Câmara Setorial do Comércio Varejista da Associação Comercial de Santos (ACS), Omar Abdul Assaf, o mercado de trabalho regional passa por um momento de "acomodação". Assaf argumenta que o comércio varejista, um dos principais empregadores regionais, está próximo à saturação. "A região recebeu uma gama incrível de empreendimentos. Com esse excesso de abertura de lojas, o movimento foi pulverizado e sinaliza estar retraindo. Se não consumem, emprega-se menos e demite-se mais". Para ele, a situação política faz com que o consumidor puxe o freio de mão na hora de ir às compras. "A liberação do FGTS (contas inativas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) não surtiu o efeito esperado. Até porque o consumo se move pelo índice de confiança, e, como ele anda baixo, a tendência é que as pessoas fiquem que defensiva".

CONSTRUÇÃO

Severamente impactada pela crise, a construção civil deve ser o último setor da economia regional a contratar mão de obra. "Vinhamos de um mercado aquecido. Hoje as empresas estão postergando os lançamentos", diz o presidente da Associação Empresários da Construção Civil da Baixada Santista (Assecob), Gustavo Zagatto Fernandez. Conforme ele explica, outra vertente é ampliar o cronograma de construção e, assim, reduzir o número de trabalhadores ativos no canteiro de obra. "Em um futuro próximo, acredito que as demissões vão ser maiores que admissões. O que vai se inverter quando a demanda estiver aquecida". Fernandez sustenta que outro entrave é a redução no volume de projetos de infraestrutura e serviços prestados pelo Poder Público, devido à crise econômica e avanço da Operação Lava Jato.



Desligamentos no polo de Cubatão e a desilusão com o pré-sal foram fatores apontados por especialistas para a continuidade da retração

Especialistas defendem novos moldes na economia

Repensar os pilares da economia regional, com aposta em setores tecnológicos e de prestação de serviço. Essas seriam as alternativas apontadas por especialistas, a médio e longo prazos, para reverter a sequência de fechamentos de postos de trabalho regional. "Se nada for feito de forma rápida, vamos ter uma década perdida", alerta o mestre em Gestão de Negócios, Elias Salim Haddad Filho.

Ele defende a criação de um pacto que envolva representant-

tes de todos os segmentos a fim de se debater novo leque de vocações regionais. Além de buscar opções, os encontros temáticos devem solucionar atuais entraves que emperram a atração de novos modelos de negócios à região.

"É inconcebível que algumas empresas do Porto tenham seus escritórios principais em São Paulo, mantendo por aqui apenas a base operacional, que pagam salários mais baixos e exigem pouca formação".

Haddad Filho explica ser necessário oferecer infraestrutura para tornar a região atrativa. E não apenas relacionado à malha rodoviária e áreas para expansão industrial, mas com ampliação do cabeamento de fibra óptica e serviços de telefonia e internet. "Isso é reinventar uma cidade. É torná-la aplicável no ponto de vista de prestação de serviços. Só assim teremos condições de atrair grandes empresas, que pagam os melhores salários".

Ele sustenta que essa discus-

são deve ser iniciada pelas universidades. "É urgente pensar em questões como o polo tecnológico e uma cidade de serviços. Perdemos o passo, ficaremos para trás. E basta andar pelas cidades e ver o número de lojas fechando e estabelecimentos para alugar".

Já o presidente do Conselho de Desenvolvimento da Baixada Santista (Condesb) e prefeito de Praia Grande, Alberto Mourão, assegura que o colegiado regional deve iniciar essa discussão a

partido do segundo semestre.

"Essa discussão deve ser feita sem interesses bairristas, ou seja, defender apenas a sua cidade. Trata-se de uma ação de caráter metropolitano", diz ele, que há mais de duas décadas defende a criação de novas décadas de arcação municipal.

FOMENTO AO TURISMO

O coordenador da Câmara Setorial do Comércio Varejista da Associação Comercial de Santos (ACS), Omar Abdul Assaf,

acredita que o fomento do turismo pode ser uma alternativa para fortalecer o comércio regional. Para isso, é urgente tirar do papel obras fundamentais para a mobilidade urbana, como a entrada de Santos e uma ligação seca até o Guarujá.

"Precisamos, entretanto, facilitar a locomoção dos turistas. Eles não podem esperar 3 horas parados no trânsito para chegar à cidade sendo que podem ir para outro local".